

## **BEATO NUNO DE SANTA MARIA\***

ARIE KALLENBERG

É extenso o rol daqueles que se têm debruçado sobre a vida do Condestável. No entanto, podemos seguramente observar que grande parte da sua vida é ignorada por muita gente: aquele tempo que, dentro do hábito carmelita, passou portas a dentro do convento de Lisboa, que era, todavia, a auréola e natural consequência da vida gasta ao serviço da Nação, sua amada.

Dado que o segredo de sua heroicidade se encontrava na santidade pessoal, é de crer que, quanto mais se torna conhecida a grandeza do humilde frade, há-de necessariamente crescer a glória do herói da Pátria.

O tempo em que o ingente Condestável perpetrava suas façanhas nos planos de Portugal, andava em princípios a fundação da Ordem no nosso país. Havia um único convento, em Moura, que tinha dependência directa do Padre Geral, estabelecido em Roma.

Para certas pessoas, constituiu um mistério a razão por que D. Nuno estava de tal modo interessado pela Ordem, ao ponto de resolver findar seus dias no seio dela. A explicação psicológica deve-se ao facto de a espiritualidade do Carmelo condizer perfeitamente com o ideal da santidade a que se propunha o Santo Condestável.

### **Espiritualidade carmelita**

A origem da Ordem de Nossa Senhora do Carmo remonta a alta antiguidade, perdendo-se no ontem remoto.

«Introduzi-vos na terra do Carmelo para que comêsseis os seus frutos, e o melhor dela», (Jer. 2, 7). Estas palavras pelo Senhor proferidas ao recordar à Filha de Sião os bens que lhe havia propiciado, transmitiu-as o profeta Jeremias e ressoam ainda com a mesma força convincente ao ouvido dos que aspiram à vida de união com o Senhor.

O monte Carmelo, vestido com o manto ferrete das amendoeiras e oliveiras é em diversas passagens da S. Escritura cantado, mercê de sua beleza; assim no Cântico dos Cânticos compara-se a Esposa à beleza e fecundidade do Carmelo.

Foi neste morro, no vale de Cédre, de frente do Jordão que Elias, o profeta, se foi retirar por mando do Senhor. E foi no cimo dessa montanha que ele se prostrou por terra adorando a Deus; foi ainda lá que as suas preces conseguiram erguer no horizonte aquela nuvenzinha, anunciando que a fecundidade da terra de Israel em breve voltaria. Foi lá, enfim, que esse homem de Deus fez descer o fogo do alto, após haver reunido os 450 sacerdotes de Baal, tendo salvo por tal obra o culto ao único e verdadeiro Deus, na presença do ímpio rei Achab e de sua esposa Jesabel.

Ao correr dos séculos o nome de Elias ficou ligado ao do Monte Carmelo.

Uma fonte e uma gruta solitária guardam, destes tempos imemoráveis, a lembrança do profeta que nela habitou. Sobre o solene silêncio dos vales, dominando o cume das montanhas, donde a vista se espraia desde o azul mediterrâneo até às alturas da Galileia, paira, ainda, o espírito do grande homem de Deus, solitário e piedoso servo de Jahwé.

«Surgiu o profeta Elias como um fogo e as suas palavras ardiam como um facho... Com a palavra do Senhor fechou o céu e fez cair fogo do mesmo céu». (Ecclesiast. XLVIII, 1-3). Não obstante este testemunho da Sagrada Escritura, a veneração pelo profeta do Senhor, desde os primórdios do cristianismo, não se inspirava nos insígnies feitos do vidente de Deus, mas no seu ideal de eremita, meditando dia e noite a lei do Senhor.

O sublime exemplo de colóquio íntimo com Deus na solidão do Carmelo ia cativando, no decorrer dos tempos, aqueles que sentiam ânsias de perfeição. E muitos eram aqueles que seguindo Elias se entregavam à contemplação dos mistérios divinos.

A história cala-se no tocante aos mais antigos habitantes do Carmelo. Cerca do ano 1200 encontramos um número importante de monges que se vinham estabelecer junto à fonte de Elias. O principal de entre eles era S. Bernardo. Esses monges foram, em 1209, pedir uma regra a S. Alberto, patriarca de Jerusalém. De tal maneira se deu incremento à Ordem dos Carmelitas.

Era única aspiração destes anacoretas viver do espírito de Elias. O vidente cativava-os e a vida do Santo dava forma à deles: do seu viver solitário e intimamente unido a Deus serviam-se como quem se serve de um guia. O mesmo monte Carmelo, sempre considerado uma sede de veneração e imitação de Stº Elias, fazia-lhes sentir mais profusamente a ligação com ele.

A sua maneira de existência vai decorrendo na imitação do profeta e por tal consideram-no como único pai; não reconhecem um fundador; já lhes é bastante a paternidade espiritual de Stº Elias.

Quando, em 1209, S. Alberto entregou aos Carmelitas a sua regra, tornou-se para eles apenas um legislador; seu Pai continuava sendo Elias.

Era parte essencial, desde o início, a devoção a Nossa Senhora. Uma descrição de viagem do ano de 1225 refere-se a uma capela que, em honra da Santíssima Virgem, possuíam os monges do Carmelo. O papa Gregório, no ano de 1227, fala dos «Monges de Santa Maria do Carmelo»; e 20 anos volvidos Inocêncio IV trata-os pela designação de «Irmãs da Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo». Vindos mais tarde, após a sua transmigração, para o continente europeu, esse honroso título haveria de ser objecto de prolongada discussão. No entanto, prova flagrante de que esse nome era querido dos Carmelitas é o esforçado ardor com que o defendiam.

Nele viram expressa a ideia de que Maria era a Padroeira que havia de protegê-los e conservar a sua Ordem; viram nela, igualmente, a Senhora que serviriam com sacrifício da própria vida se assim fosse mister.

Tal foi o ideal que cativou o Santo Condestável: o zelo ardente e feroso do profeta pela glória do Senhor, a sua união mística com Deus e a total entrega a Nossa Senhora, que por sua vez se entregava a ele; nas gloriosas façanhas guerreiras, imitando a Elias, empunhava a ígnea espada do zelo sem deixar vez alguma de recorrer à protecção da Senhora.

Na sua cela do convento, em Lisboa, aspirava à união mística e consumava a sua entrega à Santíssima Virgem.

### **Primeiros contactos com os carmelitas**

A noção que se tem acerca da fundação do Carmelo em Portugal não é bastante precisa e fundada. Tem-se, no entanto, por certo, que o convento da vila de Moura foi o seu berço.

Refere uma constante tradição relatada por Pereira de Sant'Ana na sua «Crónica dos Carmelitas» (pág. 136 n.) que os seus fundadores foram os Cavaleiros de S. João de Jerusalém ou da Ordem dos Malteses, os quais iniciaram a sua construção pouco depois de 1251. Não possuindo esta Ordem sacerdotes, foi combinado escolher os Carmelitas para que esses cuidassem dos seus interesses espirituais. Desta maneira vieram para o país os monges do Carmelo acompanhados dos cavaleiros de Malta, desde as paragens longínquas do Oriente.

Estabelecido o Carmelo em Moura a breve trecho se tornou notório pela sua fama donde irradiava ciência e santidade.

Tinham um prior cuja eleição, feita pelos conventuais, era confirmada em Roma pelo Padre Geral.

Ao tempo do Santo Condestável, a comunidade deve ter sido constituída por mais de 60 membros: sacerdotes, coristas, professores, irmãos e noviços, entre os quais algumas figuras de relevo, que gozavam de uma eminente reputação aquém e além fronteiras.

Uma das principais figuras do Carmelo Português era o Dr. Afonso Alfama, lisboeta. Tomou hábito no convento de Moura onde igualmente professou. Doutor em sagrada Teologia e excelente letrado, religioso exemplar, muito observante da Regra, e das constituições da Ordem, escreveu uma obra referente à espiritualidade e história do Carmelo. Também do dito convento era o Dr. Gomes de Santa Maria, e igualmente formado em Sagrada Teologia. Gozava de tal fama de ciência e santidade que o próprio Condestável mostrou vontade em ele ser o primeiro prior do novo convento de Lisboa. Chegou a ser mais tarde Bispo de Évora.

O doutor Frei Diogo Gil da mesma casa e mais tarde prior na de Lisboa, de tal modo era estimado por suas excelentes virtudes que merecia especial atenção da gente daquela época. A espiritualidade do convento de Moura brilhava bem alto no céu do Carmelo Português. Não é pois de admirar que o Beato Nuno se sentisse atraído a fazer o que faziam esses humildes frades.

O que deve ter impressionado de especial modo, é a devoção à Santíssima Virgem e ao profeta do fogo, Elias. Refere-nos Pereira de Sant'Ana que o Santo Condestável visitava a miúdo o convento de Moura, durante as suas peripécias em terras alentejanas. É fora de dúvida que nestes contactos frequentes e morosos o Beato Nuno se embuiu em profundidade da espiritualidade da Ordem. Foi assim que se lembrou de escolher os Carmelitas de Moura para habitar o novo convento de Lisboa quando na Pátria reinava a paz e ele mesmo podia dedicar-se a prestar o seu preito à Virgem com o Templo de Santa Maria. Com razão nos diz Jorge Cardoso, no Agiólogo Lusitano (pág. 199): «E a principal razão deste invencível Herói escolher para seus capelães mais os filhos desta Sagrada Família que aos de

outra, era a cordial devoção, que sempre teve à Virgem Senhora, a cujo obséquio se consagraram os Carmelitas, constituindo-a sua titular e patrona».

## O Carmelo de Lisboa

Logo a seguir à batalha de Aljubarrota o Santo Condestável pôs mãos à obra de tributar à Senhora a sua homenagem. Tal facto de o Beato Nuno ter começado a planear uma tão grandiosa obra em honra de Maria levou a crer a vários autores que o mosteiro de Santa Maria tivesse resultado de um voto feito durante a batalha de Aljubarrota ou Valverde. Crê-se, porém, mais plausível a opinião de Pereira de Sant'Ana que refere que a fundação não provinha de um determinado favor, senão das múltiplas mercês que a Virgem lhe havia concedido em várias ocasiões.

O Beato Nuno deve ter sentido muitas vezes a mão protectora da Virgem, a quem tão ternamente amava. Nada mais tolerável que, vivendo a Pátria em paz, pensasse em retribuir à Senhora os favores recebidos.

Em 1386, decorrido um ano após Aljubarrota, já estava alcançada licença do monarca e do Pontífice Urbano VI para a fundação do mosteiro. Foi lançada a primeira pedra em Julho de 1389. O imenso trabalho dos alicerces prolongou-se até ao ano de 1397 devido à fraca consistência do terreno e só em 1407 eram possíveis os primeiros actos cultuais no templo, não havendo por agora acomodação no edifício do claustro para os frades. Pela bula de 1386 do papa Urbano VI vê-se que o Condestável não havia ainda determinado os moradores do convento, ou não tinha ainda, pelo menos, tornado pública a sua decisão. Quando, cerca de 1392, escreveu ao vigário Geral dos Carmelitas de Moura, convidando-os a tomar conta do seu mosteiro, fala de conversas havidas já anteriormente a esse respeito. Pelo menos no ano de 1392 não era segredo para o Vigário Geral que o convento de Lisboa era destinado aos Carmelitas. Que o Condestável desde o início havia pensado nos Carmelitas não no-lo diz a História. Todavia compreende-se que teria feito questão para o templo de Santa Maria, sua homenagem à Mãe de Deus, ser entregue a quem reconhecia os mais devotados à Virgem.

Apenas lançados os fundamentos do mosteiro vieram os primeiros carmelitas para Lisboa em 1397. Ele mesmo tinha pedido que Frei Gomes de Santa Maria, depois Bispo de Évora, recebesse o cargo de prior. Com ele vieram mais outros religiosos, entre os quais: Fr. Luís de Serpa, Fr. Vasco Pinto, Fr. Gonçalo de Santa Maria, Fr. João do Santo Espírito, Fr. Álvaro da Mota, Fr. João de Talavera, Fr. João de Guimarães, Fr. João Gonçalves. Este último era amigo íntimo do B. Nuno no tempo das guerras; o mesmo foi feito pelo Condestável seu meirinho-mor. Todos estes eram religiosos de notória piedade, pois o Condestável queria apenas no seu mosteiro frades exemplares e «muito reformados». Deviam, segundo parecer do Santo Condestável, não apenas exercer ministérios sacerdotais no templo, mas ainda viver em íntimos colóquios com o Senhor «escondidos com o silêncio da vossa ordenação». Não havia para eles preocupação, pois o próprio Condestável disse providenciaria. Podiam dedicar-se em exclusivo à sua santificação e das almas. Admire-se a extrema prudência do nosso santo e a sua compreensão da vida monacal. Uma alma preocupada com o seu sustento não pode dedicar-se exclusivamente à vida interior. Em breve, compreendeu, no entanto, que a comunidade religiosa não podia viver apenas da caridade dos outros. Devia

possuir fundos próprios que assegurassem a sua existência de futuro. Foi com o fito nessa necessidade que em 1404 doou aos frades do Carmo de Lisboa parte de haveres próprios que garantiriam suficientemente o seu sustento.

Que não agisse dessa maneira anteriormente, deve-se, mais uma vez, à sua extrema prudência e ânsia de oferecer à Virgem o melhor que estava nas suas posses. Tendo, durante anos, observado o modo de viver dos primeiros frades, depressa veio a convencer-se de que eram dignos moradores do convento por ele levantado em honra de Nossa Senhora. Foi desde então que passou a dar-lhes mais condições de subsistência, doando-lhes bens pessoais. Entretanto o mosteiro e o templo continuavam em sua posse. Na medida em que ia progredindo a construção do edifício crescia em Lisboa a estima para com os Carmelitas; até os soberanos se sentiam honrados em lhes poder legar grandes donativos. Entretanto o Condestável dividia a sua vida entre vigiar a construção e o cuidado da sua vida espiritual. Estando a aproximar-se a conclusão do edifício começava a separar-se aos poucos do que o ligava à terra. As maiores riquezas de que era dono gastava-as na construção do mosteiro de Santa Maria e as que sobravam, ao fim, doava-as todas. O Senhor encarregou-se de o desprender do mundo, levando-lhe a sua única filha no ano de 1415. Foi profunda a mágoa que experimentou, mas compreendeu que Deus tinha outros planos a seu respeito. Começou então a fúria das doações: tudo o que o mundo lhe outorgara, restituía-o agora ao Senhor nos seus pobres.

Concluída a gigantesca obra em 1422, retirou-se ele com alguns amigos com o fito de se preparar para a separação total do mundo. Alguns meses passou neste retiro voluntário, tomando as derradeiras disposições a fim de poder retirar-se por completo e ser por todos esquecido, pois apesar de ter moradia num convento era ainda o grande Condestável, o herói da Nação, que para todos era honra elogiar e estimar. Vivia no Carmo como hóspede e não como frade. Alguns autores confundem esta sua estadia no convento com a sua entrada definitiva na Ordem, em 1423. O que é certo é que D. Nuno só recebeu a veste carmelitana a 15 de Agosto de 1423 das mãos do primeiro provincial da recém-constituída província Carmelitana Portuguesa. Antes desta data os carmelitas de Portugal dependiam directamente do P. Geral da Ordem, em Roma. Não tinha auto-determinação. A instâncias do B. Nuno, o Padre Geral autorizou que se celebrasse o primeiro capítulo provincial em Lisboa, no mês de Julho de 1423. Foi ele que criou as possibilidades duma província autónoma, em Portugal. Fundou um convento; a sua fama e o seu afecto pelos carmelitas fizeram que muita gente pedisse o hábito do Carmelo. Pela liberalidade do Santo os conventos podiam prover no seu sustento. Por fim doou aos Carmelitas em 1423, com o templo, o mosteiro de Santa Maria. Em virtude de tudo isso veio de Roma a desejada autorização para constituir província própria sob a jurisdição imediata de um provincial eleito em capítulo. Eis a nossa glória: podemos considerá-lo o fundador da província Carmelita em Portugal.

Tendo-se desfeito de tudo quer pela doação, quer pela sua liberalidade deu até o mosteiro de Santa Maria, só lhe restando a própria pessoa e essa mesma queria entregá-la a Nossa Senhora. Foi a lógica consequência do seu desapego total. Foi assim que se revestiu do hábito de um simples irmão converso, Donato, que exercia os mais humildes misteres da vida monacal. Aquele que dantes tingia de púrpura a espada em defesa da Pátria e que tinha conquistado a glória de seu conservador, andava agora de vassoura não mão pelos corredores buscando a glória celeste. O Santo Condestável já o não era; só havia frei Nuno de Santa Maria...

## O carmelita

«Ao entrar o portal do mosteiro de Santa Maria do Carmo, onde acabou os seus dias, outra coisa não tinha além da samarra de pano que vestia, e vestia sempre até que Deus o levou (*Crónica do Condestabre*, p. 225). O desaparego atingia o auge. Longe do mundo podia agora sem peias entregar-se a Deus e à Santa Virgem. Nuno de Santa Maria era o seu nome, porque quis ser filho devotado da sua Santíssima Mãe.

Já de idade avançada e tendo sempre sido o general a quem todos e tudo se curvava, podemos compreender como deve ter sido duro o sacrifício da obediência. O ideal do profeta Elias, empunhando a ígnea espada, animava-o a usar contra si as armas do espírito de que fala o capítulo XV da Regra. Não dava tréguas à própria natureza; não era ele um incansável militante de Cristo? Os pobres, que o rodeavam à morta do convento, constituíam a sua felicidade, pois via neles a imagem do Senhor. Não são do Senhor as palavras de «aquilo que fizerdes a um dos mais pequeninos a mim o fazeis»? Já no mundo se tinha dedicado a esta virtude da perfeição cristã: a caridade.

Não seria perfeito religioso se o não fosse cristão, ele o sabia; daí a sua ânsia da prática do bem para os outros, a quem amava como ao próprio Jesus. A si mesmo não poupava; não lhe bastava a humílissima condição que levava no mosteiro. O mundo também devia saber que o grande Condestável era uma aragem de glorioso passado. Saiu a esmolar pelas ruas, pedindo a caridade de um pedaço de pão e um copo de água. Quem havia de reconhecer, neste frade mendigo, o herói de Atoleiros, Aljubarrota e Valverde? À espiritualidade Carmelitana, a essa sim, devia aplicar-se com todas as forças da alma. Não lhe bastava a solidão do convento e o silêncio da sua cela; construiu na cerca do mosteiro uma pequena ermida em honra da Mãe de Deus onde, horas a fio, meditava em doces colóquios com os seus amigos. Era uma alma profundamente Carmelita, imbuída do espírito da Ordem. O essencial para o monge carmelita é a união com o Senhor, por meio de Sua Mãe. B. Nuno compreendeu-o perfeita e completamente. Na sua pobre cela apenas quis a imagem de Cristo crucificado. As paredes eram nuas: só se viam nelas uns cilícios e disciplinas. Na ermida do claustro do convento conservava uma imagem da Virgem da Assunção; e nada mais... Passava longas horas diante do Santíssimo Sacramento a rezar, sempre a rezar... Buscando contacto com o Criador em cuja presença devia viver, conforme disse, «como pedra no seu centro». Nove anos passou dentro das paredes do convento preparando-se para o derradeiro combate. Não conseguiu, no entanto, aquilo que era sua tenção: ser esquecido pelo mundo! Mas sucedeu o contrário: a sua fama de santidade passava irradiante para fora dos muros do mosteiro e, através dos séculos, chegou até nós.

## APÊNDICE

### Controvérsia sobre o dia da sua morte

Aceita-se, comumente, o dia 1 de Novembro de 1431 como dia da morte do Condestável; não foi, porém, sempre assim.

Exponho aqui as datas a que se referem os mais antigos documentos.

Conforme a «Chrónica do Condestabre» o Beato Nuno teria morrido com a idade de setenta anos completos. Como o seu nascimento ocorreu a 24 de Junho de 1360, entende-se que tenha morrido entre Julho de 1430 e Maio de 1431.

Jorge Cardoso, na *Agiologia Lusitana*, afirma que o Beato Nuno alcançou os setenta e dois anos; seria, pois, no ano de 1432. Teria vivido 10 anos na religião, mas é evidente que nestes dez anos inclui o tempo que ele vivera fora da clausura no seu retiro voluntário, e assim se chegou ao ano de 1432. Em outro lugar fixa o dia da morte no dia doze de Maio de 1432, durante a oitava do Pentecostes.

Manuel de Sá, O. Carm., em suas «Memórias», defende, outrossim, o dia 12 de Maio de 1432, o que se deduz de ele afirmar ter vivido o Beato Nuno oito anos, oito meses e vinte e nove dias na religião; a tomada de hábito era a quinze de Agosto de 1423.

José Pereira de Sant'Ana, O. Carm., na «Chrónica dos Carmelitas» opõe-se ao exposto anteriormente, alegando o equívoco dos autores e defende o dia 1 de Novembro de 1431 como dia da morte.

No tomo III de «Lusitania Sacra» confirmei uma nova teoria sobre o dia da morte, a saber o dia 1 de Abril de 1431, dia de Páscoa, defendida por Domingos Maurício Gomes dos Santos, em «Brotéria» t. 7 (1928) pp. 393-399, baseando-se num documento do século XVI. Encontrei num Breviário Carmelita, escrito entre os anos de 1456 e 1478, uma festa litúrgica no dia de Abril. Por ser o documento mais antigo que é do nosso conhecimento, tornou-se por esse motivo o mais digno de crédito.

A confusão parece ter-se originado durante a dominação espanhola; evidentemente, não deve ter sido do agrado dos castelhanos a memória de tão grande Herói da nossa Pátria, e, com certeza, procurava de todos os modos abafar a recordação dele. Recuperada a independência o povo lembrou-se das festas que se promoviam em honra do condestável, as quais eram muitas: uma romagem na oitava da Páscoa, outra na do Pentecostes, a 24 de Junho, dia do seu nascimento, no dia 15 de Agosto, em memória de Aljubarrota e por causa do seu filial carinho pela Senhora da Assunção. Por outro lado, em trinta de Outubro de 1431, assinava-se o tratado de paz perpétua entre Portugal e o país limítrofe; seria o fecho de ouro com que se encerrava a infatigável obra defensiva de Nuno Álvares. Não seria temerário procurar aqui a explicação do dia 1 de Novembro de 1431, como dia da sua morte. Neste dia o Condestável podia fechar os olhos e adormecer tranquilo!... Principalmente depois do domínio castelhano compreende-se um maior afluxo de povo no dia 1 de Novembro recordando a quem devia a independência do país. Talvez esteja nas diversas romagens ao túmulo do Santo Condestável a origem das confusões sobre o dia do seu passamento... O breviário Carmelita, assinalando o dia 1 de Abril, fica de pé como documento mais contemporâneo.

---

\* [Revista *LUMEN*, 24 (1960), pp. 275-282].